



À Conversa com...

**João Paulo Martins
Sofia Diniz**

**A encomenda pública
e os Móveis Olaio**

Museu de Cerâmica de Sacavém
23 maio 2015
15:00

CML/DRIC/2015





Centro de Investigação em Arquitetura Urbanismo e Design. FA-ULisboa

João Paulo Martins (1965) é arquiteto (1988), mestre em História da Arte (1995) e doutor em Arquitetura (2006). É professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e integra o Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design. Investigador principal do projeto "Móveis Modernos. A atividade da Comissão para Aquisição de Mobiliário no âmbito da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 1940-1980", foi comissário das exposições "Daciano da Costa, Designer" (2001-2002), "O respeito e a disciplina que a todos se impõe. Mobiliário para edifícios públicos em Portugal. 1934-1974" (2014) e "Os arquitectos são poetas também. Cottinelli Telmo, 1897-1948" (2014-2015).

Instituto de História Contemporânea. FCSH-UNL

Sofia Diniz é licenciada em História/variante História da Arte (FCSH-UNL), mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (FCSH-UNL) e doutoranda em História (FCSH-UNL). Colaborou na Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no âmbito do Inventário do Património Arquitectónico e foi bolsista de investigação no projeto "Móveis Modernos. A atividade da Comissão para a Aquisição de Mobiliário no âmbito da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 1940-1980".

O projeto de investigação "Móveis Modernos. A atividade da Comissão para a Aquisição de Mobiliário no âmbito da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 1940-1980", permitiu reconhecer uma parte significativa da encomenda de mobiliário promovida por iniciativa do Estado, para equipar edifícios públicos.

Uma das vertentes da informação recolhida prende-se com o retrato do tecido industrial português do setor, nessa época: a identificação e caracterização das empresas produtoras e comercializadoras, a sua capacidade para responder às exigências da procura. Neste panorama, a fábrica Olajo detinha uma posição de inegável destaque em relação aos seus concorrentes.

Em resultado da mão-de-obra e dos meios técnicos de que dispunha, oferecia garantias em todo o espectro do processo – da qualidade dos materiais usados à construção e ao acabamento –, cumprindo prazos e quantidades de fornecimento, em notável diversidade de registos – móveis historicistas, rústicos ou internacionalistas; móveis-tipo, fabricados em série e modelos especiais.

Os agentes do Estado reconheciam essa capacidade e as encomendas refletiam-na, num leque vasto de programas funcionais e em todos os níveis da representatividade que aí era requerida.